

John Steinbeck

O INVERNO DO NOSSO
DESCONTENTAMENTO

tradução de
João Belchior Viegas

LIVROS DO BRASIL

CAPÍTULO I

Quando a luz dourada daquela manhã de abril tirou Mary Hawley do sono ela voltou-se para o marido. Com os dedos mínimos puxando os cantos da boca, imitando uma rã, ele olhava-a.

— Tu és tolo, Ethan! Estás possuído pelo teu génio cómico.

— Diz-me, ratinha, queres casar comigo?

— Acordaste assim tão tolo?

— O ano está em cada dia. O dia em cada manhã.

— Tens razão. Sabes que hoje é Sexta-Feira Santa?

— Os imundos romanos estão subindo ao Calvário — disse ele numa voz cavernosa.

— Não seas sacrílego. O Marullo deixa-te fechar a loja às onze horas?

— Querida, pintainho em flor, Marullo é católico e *macaroni*. Naturalmente, nem lá irá. Eu fecharei a loja ao meio-dia, quando tudo estiver consumado.

— Isso é linguagem de peregrino. Não é bonita.

— Estás enganada, joaninha. Eu herdei isto da minha mãe. É linguagem de piratas. Foi mesmo uma execução, sabes?

— Não eram piratas, tu mesmo o disseste. Eram pescadores de baleias munidos de cartas do ... como chamaste tu àquilo ... do Congresso Continental.

— O navio que os alvejou tomou-os por piratas e os soldados romanos julgavam proceder a uma execução.

— Agora fiz-te zangar. Gosto mais de ti, idiota.

— Eu sou mesmo idiota. Todos o sabem.

— Fazes-me dizer o que eu não quero. Afinal, tens todo o direito de te sentires orgulhoso dos Padres Peregrinos e dos capitães baleeiros todos numa só família.

— Acreditas nisso?

— Que queres dizer?

— Pensas que os meus grandes antepassados se sentiriam orgulhosos em saber que deram origem a um humilde caixeiro numa miserável mercearia italiana, na sua própria cidade natal?

— Tu não és caixeiro. És uma espécie de gerente. És tu que tens os livros, guardas o dinheiro e fazes as encomendas.

— Evidentemente. Mas também varro o lixo, faço salamaleques ao Marullo e, se fosse gato, comia-lhe os ratos.

Ela envolveu-o nos braços.

— Não digas idiotices. Peço-te. Não digas blasfémias numa Sexta-Feira Santa. Eu amo-te.

— Entendido — disse ele, passado um instante. — É o que toda a gente diz. Mas, mesmo assim, não te julgues autorizada a tagarelar toda nua com um homem casado.

— Queria falar-te das crianças.

— Elas estão na cadeia?

— Lá voltas tu a ser idiota. Será melhor que elas próprias falem contigo?

— Mas porque não queres...

— Margie Young-Hunt vai ler-me hoje outra vez as cartas.

— Como um livro? Quem é Margie Young-Hunt, quem é ela entre todos os nossos cortesãos?

— Olha se eu fosse ciumenta... Quando um homem pretende não ter reparado numa rapariga bonita...

— Ah, é essa? Rapariga? Ela já teve dois maridos.

— O segundo morreu.

— Quero o meu pequeno-almoço. Tu acreditas em tudo aquilo?

— Margie viu o irmão nas cartas. Alguém muito próximo e querido, disse ela.

— Alguém que me é próximo e querido não tarda a tomar contacto com o meu pé em certo sítio, se não corre a ir buscar o que pedi...

— Eu vou... Ovos?

— Pode ser. Porque é que chamam a isto Sexta-Feira Santa?

— Oh! — exclamou ela. — Lá estás tu com brincadeiras.

* * *

O café estava feito e os ovos num prato, ao lado de um monte de torradas, quando Ethan Allen Hawley se sentou a uma mesinha ao lado da janela.

— Sinto-me bem — disse ele. — Porque chamam eles a isto Sexta-Feira Santa?

— É a primavera — respondeu a mulher, de pé junto do fogão.

— Sexta-feira da primavera?

— Febre da primavera. As crianças já se levantaram?

— Julgas isso? Esses patifes preguiçosos! Fá-los sair da cama com uns açoites.

— Só dizes disparates quanto te fazes idiota. Voltas do meio-dia às três?

— Haverá perigo?

— Porquê?

— Por causa das mulheres. Entrarei furtivamente. Essa Margie, talvez...

— Ethan, não fales assim. Margie é uma boa amiga. Ela é capaz de te dar a sua camisa.

— Essa é boa. E onde iria ela buscar a camisa?

— Lá voltas tu à linguagem dos Peregrinos.

— Aposto quanto quizeres que nós somos parentes. Ela tem sangue de pirata nas veias.

— Oh! Outra vez as tuas parvoíces. Aqui está a lista das compras. — Mary meteu-lha na algibeira. — Parece muito grande. Mas lembra-te de que estamos na semana da Páscoa. E duas dúzias de ovos, não te esqueças. Estás a atrasar-te.

— Já sei, mas posso bem falhar uma venda ao Marullo. Porquê duas dúzias?

— Para os tingir. Allen e Mary Ellen pediram-nos. Era melhor que fosses já.

— Entendido, pulgão... É preciso ir lá acima dar uns açoites a Allen e a Mary Ellen?

— Tu estrága-los, Ethan. Bem o sabes.

— Até à vista, navio de luxo.

Bateu com a porta e saiu para a manhã verde e dourada. Voltou-se para olhar a velha e graciosa casa que havia sido de seu pai e de seu avô. Pintada de branco, com um olho de boi por cima da porta de entrada, estava escondida pelos lílases centenários, de tronco tão grosso como a cintura de uma pessoa e cheios de rebentos. Os olmos da Elm Street juntavam as suas copas douradas, de folhagens novas. O Sol acabava de surgir sobre o edifício do banco e iluminava a massa prateada do gasómetro, aquecia o cheiro de sarçaços e de sal do velho porto.

Só um ser vivo passeava a essa hora matinal na Elm Street, o *setter* ruivo de Mr. Baker, o cão do banqueiro, *Red Baker*. Andava com uma dignidade tranquila, parando de vez em quando para farejar junto ao tronco dos olmos.

— Bom dia, cavalheiro. Chamo-me Ethan Allen Hawley. Já nos encontramos uma vez, quando urinávamos.

Red Baker parou e, com um ligeiro abanar da cauda, deu a entender que tomava nota do cumprimento.

— Olhava para a minha casa — prosseguiu Ethan. — Sabia-se construir naqueles tempos.

Red Baker inclinou a cabeça e, indolentemente, coçou a ilharga.

— E porque não? Tinham dinheiro. Óleo de baleia dos sete mares e espermacete. Sabe o que é o espermacete?

Red Baker latiu docemente.

— Estou a ver que não. É um óleo leve, que cheira a rosas e se encontra na caixa craniana do cachalote. Leia *Moby Dick*, cão. Recomendo-lho.

O *setter* meteu a pata numa fenda da placa de ferro fundido da abertura do esgoto.

Ethan continuou o caminho.

— E faça um relatório sobre o livro — disse ele por cima do ombro. — Pode então dar lições ao meu filho. Ele nem sabe soletrar espermacete ou ... qualquer outra coisa.

A Elm Street corta perpendicularmente a High Street, à distância de dois quarteirões da velha moradia de Ethan Allen Hawley. Um bando de pardais zaragateava na relva nova da casa dos Elgar. Eles não brincavam, chilreavam e

picavam-se, procurando cegar-se com uma tal ferocidade e fazendo tal barulho que não deram pela aproximação de Ethan, que parou para ver a batalha.

— Nos seus ninhos, os outros pássaros estão de acordo. Como podem vocês fazer isso? Têm ali um montão de excremento de cavalo para todos. Vamos, meus meninos, não se faz isso numa manhã tão linda. E são vocês os pequenos bastardos para quem São Francisco era tão bondoso. Ponham-se a andar.

Correu para eles batendo os pés, e os pardais levantaram voo com um ruído bater de asas, protestando amargamente com gritos estridentes.

— Escutem — disse-lhes Ethan. — Ao meio-dia o Sol escurecerá, a noite cairá sobre a Terra e tereis medo!

Voltou ao passeio e seguiu o seu caminho.

A velha casa dos Phillips, situada no segundo quarteirão, é agora uma pensão familiar. Joey Morphy, caixa do First National Bank, assomou à porta, palitando os dentes e apertando o colete.

— Bom dia — disse a Ethan. — Ia agora mesmo procurá-lo, Mr. Hawley.

— Porque chamam ao dia de hoje *Good Friday*¹?

— Vem do latim — respondeu Joey. — *Goodus, goodilius, goodum*, que significa mau.

Joey tinha qualquer coisa de cavalo e sorria como um cavalo, exibindo os dentes enormes debaixo do grosso lábio superior. Joseph Patrick Morphy, Joey Morphy, o rapaz Joey, ou o Morph, era um tipo verdadeiramente popular, se bem que estivesse em New Baytown há poucos anos. Um farsante que dizia as suas pilhérias de olhos semicerrados, como um jogador de póquer, e que sabia gozar ao ouvir as piadas dos outros, quer as conhecesse ou não. Morphy, um espertalhão, sabia tudo acerca de cada coisa e de cada indivíduo desde A até Z. Distribuía o seu saber num tom de quem faz uma pergunta. Isto excluía toda a nota pedante e tornava possível ao interlocutor repetir o que ouvia como se fosse seu. Joey era um sujeito fascinante. Um jogador que ninguém vira apostar, um bom guarda-livros e um notável tesoureiro. O seu patrão, o director do First National Bank, confiava de tal maneira em Joey que lhe entregava a maior parte do trabalho. Morphy conhecia toda a gente, mas

¹ *Good Friday* — Sexta-Feira Santa. *Good* significa bom. (*N. do T.*)

nunca empregava o nome próprio. Ethan era, para Joey, Mr. Hawley. Margie Young-Hunt era Mrs. Young-Hunt, se bem que se murmurasse que dormia com ela. Não tinha família nem qualquer ligação oficial. Ocupava sozinho duas divisões e uma casa de banho na velha casa dos Phillips e tomava a maior parte das refeições no Foremaster Grill. O seu passado de empregado bancário, bem conhecido de Mr. Baker e da companhia, era imaculado; apesar de tudo isso, Joey tinha uma maneira de contar aventuras sucedidas a outras pessoas que fazia crer que as vivera ele próprio. E se assim era, que histórias ele tinha! O facto de não se gabar só fazia que agradasse ainda mais. Tinha as unhas invariavelmente limpas, vestia-se com correção, apresentava sempre uma camisa acabada de lavar e sapatos brilhantes.

Os dois homens desceram juntos a Elm Street em direção a High Street.

— Queria fazer-lhe uma pergunta. Não é da família do almirante Hawley?

— Não quererá referir-se ao almirante Halsey? Nós tivemos na família uma porção de capitães, mas nunca ouvi falar de um almirante.

— Disseram-me que o seu avô era capitão de um navio baleeiro. Devo ter feito confusão com o almirante.

— Uma cidade como esta aprecia os mitos. Dizem também que os meus antepassados do lado paterno se dedicaram à pirataria e que a família da minha mãe chegou no *Mayflower*.

— Ethan Allen. Meu Deus ... Você também lhe é aparentado?

— Talvez. Pode ser. Que dia ... já viu algum mais belo? A que propósito queria falar comigo?

— Ah, sim! Suponho que você fecha a loja do meio-dia às três. Pode arranjar-me algumas sanduíches lá para as onze e meia? Eu daria um salto para vir buscá-las. E também uma garrafa de leite.

— O banco não fecha?

— O banco, sim, mas eu não. O rapaz Joey lá estará agarrado aos seus livros. Num fim de semana como este toda a gente quer levantar dinheiro.

— Nunca tinha pensado nisso.

— Pois é assim. Na Páscoa, no *Memorial Day*, no Quatro de Julho e no Dia do Trabalho. Se eu quisesse assaltar um banco, faria isso justamente nas vésperas de um fim de semana prolongado. A massa está toda pronta e só espera que a levem.

— Você nunca foi um assaltado, Joey?

— Não. Mas tenho um amigo a quem isso aconteceu duas vezes.

— Que lhe disse ele?

— Que teve medo. Obedeceu. Deitou-se no chão e deixou levar o que quiseram. Na sua opinião, o dinheiro estava mais seguro que ele.

— Eu levo-lhe as sanduíches quando fechar. Baterei à porta detrás. Como as quer?

— Não se incomode, Mr. Hawley. Eu atravessarei a rua. Quero uma de fiambre e outra de queijo, com pão de centeio, uma folha de alface e maionese, e talvez uma garrafa de leite e uma *Coca-Cola*, para acabar.

— Eu recebi um bom salame... isto é, o Marullo.

— Não, obrigado. Como passa esse membro da Máfia?

— Creio que bem.

— Mesmo quando não se aprecia demasiado o dinheiro, não se pode deixar de admirar um tipo que se governou como ele. É esperto. Nem se sabe quanto já encaixou. Fazia melhor em calar-me. Um empregado bancário não deve falar.

— Você não disse nada.

Tinham chegado à esquina da Elm Street e da High Street. Com um movimento análogo pararam para olhar um montão de tijolos cor-de-rosa e de gesso, vestígios do velho Bay Hotel, que estava a ser demolido para dar lugar ao novo Woolworth's. O buldózer pintado de amarelo e a grande grua que movia o aríete pareciam esperar os demolidores.

— Eu gostaria de fazer isto — disse Joey. — Deve causar impressão ver ruir um muro.

— Fartei-me de vê-los cair em França — respondeu Ethan.

— É isso. O seu nome figura no monumento em frente ao cais.

— Encontraram os ladrões que assaltaram o seu amigo?

Ethan estava persuadido de que se tratava do próprio Joey.

— Sim. Caíram na armadilha como ratos. É uma felicidade os ladrões não serem espertos. Se o Joey escrever um livro sobre a maneira de assaltar um banco, a Polícia nunca mais apanha ninguém.

Ethan riu.

— Como chegou a essa conclusão?

— Eu sou como toda a gente. Tenho-me contentado em ler os jornais e conheci bem um sujeito que era polícia. Quer uma conferência de dois dólares sobre o assunto?

— Prefiro uma de seis cêntimos. Tenho de abrir a loja.

— Minhas senhoras e meus senhores — começou Joey —, estou aqui esta manhã... Não, oiçam. Como apanhar os assaltantes de um banco? Primeiro: se já foram condenados, cadastro judiciário. Segundo: eles pegam-se no momento da partilha e há um que come o bolo. Terceiro: as mulheres. Isto leva-nos ao quarto ponto: o dinheiro é para ser gasto. Vigiem as pessoas que fazem despesas fora do vulgar e tereis os vossos homens.

— Qual é então o seu método, professor?

— Simples como beber água. Fazer exatamente o contrário. Nunca assaltar um banco se já se foi preso e se se tem ficha, seja pelo que for. Nada de cúmplices: agir só e não dizer nem uma palavra a qualquer ser vivo. Esquecer as mulheres. Não gastar. Guardar o dinheiro durante anos, se for preciso. Depois, quando houver um motivo para dispor de algum dinheiro, investi-lo pouco a pouco. Não gastar nada em divertimentos.

— E se o ladrão é reconhecido?

— Se ele esconde a cara e não fala, como podem reconhecê-lo? Já alguma vez leu as descrições das testemunhas oculares? Uma laracha. O meu amigo chui repetia quando o encarregavam de fazer um inquérito: as pessoas estavam prontas a jurar fosse o que fosse. Deve-me seis cêntimos.

Ethan meteu a mão na algibeira.

— Devo-lhos — disse ele.

— Pagar-me-ei nas sanduíches — respondeu Joey.

Atravessaram a High Street e entraram na travessa perpendicular à rua. Joey, de um lado, entrou pelas traseiras do First National Bank e Ethan abriu, do outro lado, a porta da mercearia-frutaria de Marullo.

— Fambre e queijo? — gritou.

— Com pão de centeio... alface e maionese.

Da estreita ruela, coada pela janela gradeada de vidros poeirentos, uma claridade difusa vinha iluminar a loja. Ethan parou à entrada do comparti-

mento escuro, guarnecido de prateleiras até ao teto, atravancadas de sacos e caixas de frutas, de legumes, peixe e queijos. Apurou o olfato procurando o cheiro a ratos por entre o odor da farinha, dos pêssegos e das peras secas, dos cereais nas caixas e a acidez forte dos queijos, das salsichas, dos presuntos e o mofo das couves, alfaces e beterrabas. Não descobrindo sinal de roedores, arrastou os caixotes com lixo para a travessa. Um gato cinzento tentou esgueirar-se para dentro, mas ele enxotou-o.

— Não — disse-lhe ele. — Os ratos estão à tua disposição, mas tu és um apreciador de salsichas. Pira-te! Ouves-me? Pira-te!

O gato, que, sentado, lambia uma das patas rosadas, ao segundo «Pira-te!» fugiu com o rabo no ar e desapareceu por cima do muro nas traseiras do banco.

— Deve ser uma palavra mágica — notou Ethan. Tornando a entrar na loja, fechou a porta logo atrás de si.

Atravessava o compartimento poeirento, dirigindo-se à mercearia, quando um murmúrio de água a correr o fez parar. Empurrou a porta de contraplacado do cubículo que servia de lavabo, acendeu a luz e puxou o autoclismo. Depois empurrou os batentes da grande porta protegida por rede metálica e abriu-a com uma pancada do tacão no ferrolho debaixo.

As cortinas da montra deixavam entrar uma luz verde na loja. Aqui também havia prateleiras até ao teto, carregadas de caixas de conservas e de frascos bem alinhados: uma biblioteca para o estômago. Além, o balcão, a caixa registadora, os sacos, e aquela glória de aço inoxidável e esmalte branco, o frigorífico de motor cicante. Ethan deu volta a um comutador e banhou os queijos, as salsichas, as costeletas, os bifes e o peixe de uma luz de néon azul, gelada. Difusa como a de Chartres, uma claridade de catedral invadiu a loja. Ethan parou para admirar os frascos de tomate, nos quais viu tubos de órgão, as capelas de mostarda e de azeitonas e os túmulos ovais das latas de sardinha.

— *Unimum et unimorum* — disse num tom nasal de litania. — *Uni unimum quod unibus in omnem unim domine... ahhhhmen.* — Pareceu-lhe ouvir o comentário da sua mulher: «Isso é uma parvoíce que pode ferir os sentimentos dos outros. Não se ganha nada em magoar as pessoas...»

Caixeiro de mercearia — da mercearia de Marullo —, um homem com mulher e dois filhos encantadores. Quando está só... mas quando é que pode estar só? Durante o dia, os clientes, à tarde, a mulher e os miúdos, à noite, a mulher. «Que sentimentos posso ferir, torrãozinho de açúcar?», imaginou-se a dizer à mulher. «Aqui não há pessoas nem sentimentos. Só eu e o meu *unimum et unimorum*, até que abra aquela sagrada porta de entrada.»

De uma gaveta por detrás do balcão ao lado da caixa registadora tirou um avental limpo, que desdobrou. Pô-lo diante de si e cingiu-o, fazendo que as fitas dessem duas voltas à cintura estreita. Depois atou-o com um nó atrás das costas.

O avental era comprido e dava-lhe pelo meio das pernas. Com a mão direita levantada e frouxamente dobrada, a palma para cima, pôs-se a declamar:

— Escutai-me, peras enlatadas, e vós pickles, e vós também *piccalilli*... Quando amanheceu, reuniu-se o Conselho dos Anciãos do povo, sumos sacerdotes e doutores da Lei que o levaram ao seu tribunal... «Quando amanheceu...» Os patifes começaram o trabalho bem cedo, não é verdade? Não desperdiçavam o tempo. Continuemos. *Era quase à hora sexta*... isto é, à volta do meio-dia... e em toda a Terra houve trevas até à hora nona. *Escureceu-se o Sol*. Porque me lembro eu disto agora? Meu Deus, muito tempo demorou Ele a morrer — uma medonha eternidade.

Deixou cair a mão e, pensativo, contemplou as prateleiras como se esperasse uma resposta.

— Tu não me falas agora, Mary, minha querida. És uma das filhas de Jerusalém? Não chores por mim. Guarda as lágrimas para ti e para os teus filhos... Porque, se estas coisas acontecem numa árvore verde, que seria numa árvore seca? — A tia Deborah trabalhava melhor do que ele imaginava.

Ergueu então as cortinas verdes da montra.

— Penetra, dia!

Depois desferrolhou a porta da entrada, empurrando os batentes chapados de ferro.

— Entra, mundo!

O sol banhava suavemente o pavimento, pois em abril levanta-se exatamente onde a High Street desemboca na baía. Ethan foi ao lavabo buscar uma vassoura para varrer o passeio.